



Os DOIS LADOS DA MOEDA

O editor de uma antiga e já extinta revista de variedades solicitou para um de seus mais ilustres articulistas que escrevesse um artigo sobre Jesus Cristo. Quando saía da sala do chefe, o articulista virou-se e perguntou: "É para falar bem ou mal?". É um dos muitos exemplos de que toda moeda tem dois lados.

Os dados da produção de leite na Argentina ao longo dos últimos anos podem ser analisados sob dois aspectos, ambos, relevantes: econômico e social. Do início dos anos de 1990 até o final dos anos de 2010, a produção leiteira saltou de 6 bilhões de litros de leite para 10,5 bilhões de litros de leite. No mesmo período o número de produtores de leite sofreu redução, passando de 44.000 para pouco mais de 10.000.

A necessidade de se elevar a produtividade da terra em fazendas leiteiras, para que mantivesse a competitividade em relação a outras opções de atividades agropecuárias, levou instituições de ensino e de pesquisa a sugerir o confinamento de vacas leiteiras como sistema a ser implantado. Deram ao processo, no início dos anos de 1990, o pomposo nome de 'modernização da pecuária leiteira da Argentina'.

A travessia de um sistema baseado no uso de pastagens para um sistema de confinamento requereu algumas adequações como, por exemplo, o investimento vultoso em máquinas e equipamentos para a conservação de forragens na forma de feno e silagens. Na passagem do milênio virou moda na Argentina o silo chamado de 'língua'.

A competitividade do setor lácteo do país vizinho foi aumentada em relação às outras atividades agropecuárias, e o reflexo veio com a elevação em 80% da produção do país em um período de apenas 20 anos, ou seja, sob este aspecto, o sucesso da empreitada foi retumbante.

Entretanto, os pequenos proprietários não conseguiram acompanhar a tal modernização da atividade leiteira e acabaram vendendo ou alugando suas propriedades. Estima-se que um contingente de 75% dos produtores foi 'convidado' a se retirar da lida com as vacas de leite em um período de apenas 20 anos, ou seja, sob este aspecto, o desastre da empreitada foi retumbante.

O moderno modelo de produção estimulado pelos extensionistas argentinos, que por sua vez foram orientados por instituições de ensino e pesquisa daquele país, pode ser caracterizado como aquele que exclui, pois o aumento de produção veio acompanhado da saída de milhares de produtores de leite da atividade.

Ressalte-se que não está em julgamento o modelo de produção de leite, mas, sim, os resultados obtidos sob os

prismas econômico e social.

O Brasil já vivenciou algo semelhante, com o desenvolvimento a qualquer custo, na época do 'milagre brasileiro' no início da década de 1970, quando o governo estimulou a migração de produtores rurais da região Sul do País para abrir as fronteiras agrícolas nas regiões Centro-Oeste e Norte. As famílias somente receberiam o título de posse da terra caso desmatassem seus lotes. Economicamente, um sucesso; ambientalmente, uma tragédia.

Em nosso país é possível obter elevadas produtividades da terra (acima de 20.000 litros de leite/ha/ano), e, ao mesmo tempo, permitir que produtores de todos os tipos e tamanhos tenham a oportunidade de participar da cruzada rumo ao futuro, sem que seja necessária a exclusão de qualquer produtor, a não ser por vontade própria, caracterizando desta forma um modelo que inclui as pessoas.

Como esse 'novo milagre brasileiro' poderá ser levado adiante? A resposta é simples, mas sua execução é complexa. A exploração dos benefícios do clima tropical e, consequentemente, do potencial de produção das gramíneas forrageiras tropicais é a resposta simples.

Entender que somente implantar piquetes dessas plantas que sejam corretamente adubados, irrigados em alguns casos, e bem manejados não bastará para se ter sucesso econômico na atividade. Será preciso ter habilidade para entender as interações entre o clima, o solo e os animais, e destes com o ser humano.

Há que se considerar ainda o conforto e o bem-estar do rebanho, o atendimento em tempo integral das exigências nutricionais dos animais, a correta estruturação do rebanho, a reprodução perfeita das matrizes e das novilhas, a persistência elevada da produção das vacas leiteiras, um programa de melhoramento genético que não seja alterado de tempos em tempos de acordo com o modismo e que considere a venda de animais como uma de suas principais ferramentas.

Considere, ainda, um rebanho impecável sob o ponto de vista da saúde; a administração profissional da atividade com todos os controles zootécnicos e financeiros básicos sendo executados ininterruptamente; a necessidade de se trabalhar com o estritamente necessário em relação às máquinas, aos implementos agrícolas e benfeitorias; a despreocupação quanto às estradas de acesso e a energia elétrica; a existência ou não de compradores de leite idôneos na região; a facilidade de compra de insumos e a presença de uma assistência técnica qualificada. Todos esses são aspectos que deverão ser considerados para se ter sucesso na atividade leiteira.

Assim, antes de tomar sua próxima e grande decisão, lembre-se de que toda moeda tem dois lados.

Artur Chinelato de Camargo é engenheiro agrônomo, pesquisador da Embrapa Pecuária Sudeste, de São Carlos-SP, e membro do conselho editorial de **Balde Branco**.

BALDE BRANCO

Conselho editorial

Vidal Pedrosa de Faria,
Artur Chinelato de Camargo,
Paulo do Carmo Martins,
Tadashi Fujimori e
Nelson Rentero

Editor

Nelson Rentero (Reg. MTb 12.839)
rentero@uol.com.br

Diagramação e arte

Casa da Arte
cdadesign.com.br

Colaboradores

Luiz H. Pitombo,
Rubens Neiva,
Rafael Ribeiro,
Lilian Bahia,
João Batista Gonçalves Costa Jr.,
Romualdo Venâncio,
João Luiz dos Santos,
Maurício Palma Nogueira,
Rosângela Zoccal,
Mário Lanznaster,
Marcos Lopes La Falce e
Eliana Cezar

Executiva de Negócios

Marianna Correa -
marianna.correa@terra.com.br
(11) 2081-2163 e (11) 9-9975-6429

Assinaturas:

baldebranco@baldebranco.com.br
(11) 2081-3045 e 0800 7715181 (ligação gratuita) - Fax: (11) 2081-3144
Alexandre Morais -
alexandre.morais@baldebranco.com.br
Paula Nocetti -
paula.nocetti@baldebranco.com.br

Coordenação Administrativa:

Cristhiane Melo -
cristhiane.melo@baldebranco.com.br
(11) 2081-2579.



Balde Branco, consciente de sua responsabilidade ambiental e social, utiliza tinta vegetal na impressão desta edição.

Impressão

Log & Print Gráfica e Logística S.A.
Revista produzida com sistema CTP

Edição: 17.000 exemplares

Assinatura anual: R\$ 105,00

Exemplar atrasado: R\$ 10,50

* Autorizamos a reprodução total ou parcial de nossos artigos, desde que mencionada a fonte.

Redação, administração, publicidade e assinaturas:
Rua Parque Domingos Luis, 126 - São Paulo, SP - CEP: 02043-080 - telefones: (11) 2081-3045 / 2081-2163 / 2081-2579 - fax: (11) 2081-3144.

* Os conceitos emitidos nos artigos assinados ou nos anúncios de publicidade são inteiramente de responsabilidade de seus autores, não traduzindo necessariamente a opinião da revista.

Balde Branco é uma publicação registrada no INPI - Instituto Nacional de Propriedade Industrial sob nº 006333770 de 10/06/86 e na Lei de Imprensa (6º Ofício) sob nº 20963 de 12.01.90.



facebook.com/revistabaldebranco